

**Tessituras poéticas: uma entrevista com a escritora Vera Lúcia de Oliveira**

**Poetic weaves: an interview with the writer Vera Lúcia de Oliveira**

**Tessituras poéticas: una entrevista con la escritora Vera Lúcia de Oliveira**

Gislei Martins De Souza Oliveira

<https://orcid.org/0000-0002-9297-6558>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

### **Resumo**

Propomos uma entrevista com a escritora e poeta Vera Lúcia de Oliveira a fim de compreender a percepção, construída ao longo de sua carreira, sobre o fazer poético. Além de poeta, a autora é docente de Literatura Portuguesa e Brasileira no Departamento de Letras de Perugia, Itália. Recebeu diversos prêmios pela sua produção literária, entre os quais estão o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras (2006), como também o Prêmio Internacional de Poesia Alinari (Florença, 2009). Sua mais recente publicação é o livro *Esses dias partidos* (2022) que consiste numa antologia poética que abarca o período de 2004 a 2016 ao lado de *O tempo denso* (2021), o qual foi escrito durante o período de pandemia.

**Palavras-chave:** poesia, imagem, Vera Lúcia de Oliveira.

### **Abstract**

We propose an interview with the writer and poet Vera Lúcia de Oliveira in order to understand the perception, built throughout her career, about the poetic doing. In addition to being a poet, the author is a teacher of Portuguese and Brazilian Literature at the Department of Letters in Perugia, Italy. She received several awards for her literary production, among which are the Poetry Award of the Brazilian Academy of Letters (2006), as well as the Alinari International Poetry Award (Florence, 2009). Her most recent publication is the book *Esses dias partidos* (2022) which consists of a poetic anthology that covers the period from 2004 to 2016 alongside *O tempo denso* (2021), which was written during the pandemic period.

**Keywords:** poetry, image, Vera Lúcia de Oliveira.

### **Resumen**

Proponemos una entrevista con la escritora y poeta Vera Lúcia de Oliveira a fin de comprender la percepción, construida a lo largo de su carrera, sobre el hacer poético. Además de poeta, la autora es docente de Literatura Portuguesa y Brasileña en el Departamento de Letras de Perugia, Italia. Recibió diversos premios por su producción literaria, entre los cuales están el Premio de Poesía de la Academia Brasileña de Letras (2006), como también el Premio Internacional de Poesía Alinari (Florença, 2009). Su más reciente publicación es el libro *Esses dias partidos* (2022) que se trata de una antología poética que abarca el período de 2004 a 2016 al lado de *O tempo denso* (2021), el cual fue escrito durante el período de pandemia.

**Palabras clave:** poesía, imagen, Vera Lúcia de Oliveira.

*Nas diásporas, que se tornam cada vez mais uma condição existencial de tantos escritores, vemos que o relacionamento com a língua de origem e com a língua das experiências e aventuras do exílio é complexo e surpreendente. (OLIVEIRA, 2006, p. 98-99).*

Entrevistadora: Gostaria que me contasse um pouco sobre sua infância, juventude e vida adulta. Como você se descobriu poeta?

Vera Lúcia de Oliveira: Fui me tornar poeta quando descobri que eu existia. Ao trabalhar com poetas viscerais, como Fernando Pessoa por exemplo, sempre pergunto aos alunos: “Como vocês se descobriram? O momento em que abriram os olhos e pensaram ‘Eu sou? Eu existo’”. Isso acontece ainda na infância, muitas vezes quando você nem tem as palavras certas para formular esse conceito. Quando era criança, lembro-me que saí de casa e havia uma espécie de penumbra. Deparei-me com uma flor de maracujá e, no momento em que me aproximei, vi uma abelha voando ao seu redor. Acredito que esse episódio me fez construir um senso estético e ter consciência do meu lugar no mundo. Nasci em uma pequena cidade chamada Cândido Mota, no interior de São Paulo. Meu pai trabalhava em uma companhia elétrica denominada “Vale do Paranapanema” e sempre nos mudávamos de um lugar para outro até nos fixarmos em Assis, onde cursei a Faculdade de Letras na UNESP. Nessa época, ainda persistia um ambiente rural e bastante circundado pela natureza. Passei a minha infância em um contexto de muitas trocas, tanto que minha mãe cuidava de todos os idosos que moravam na vizinhança. Dessa forma, vivi em contato com pessoas fragilizadas e sempre com muita curiosidade de entender o que era a morte, a vida, estar doente e outros questionamentos que pareciam absurdos na época como, por exemplo, a ideia de os animais e as plantas terem uma consciência. Era uma vida feliz, mas difícil. Meu pai trabalhava e tinha um salário de operário e minha mãe fazia bolos e outras atividades que mostravam sua vocação para a arte, como, pintar tecidos. Com isso, aprendi a ser mais sensível e tendencialmente aberta a compreender as desigualdades sociais que persistem no Brasil. Sempre gostei muito de ler, sendo que buscava livros em todo o lugar que ia e criava novas histórias. Quando conhecia uma pessoa, logo começava a inventar como era a vida dela e, assim, a literatura alimentava minha visão de mundo. A escolha do curso de Letras foi algo que eu realmente queria, pois sempre desejei ser escritora. Como gosto de viajar, decidi vir para a Itália porque em todo lugar há arte e quando saio por Perugia posso sentir e tocar a história. Além disso, minha mãe é de origem italiana e foi um dos fatores que motivou minha mudança.

Entrevistadora: Como é o dia a dia da Vera Lúcia de Oliveira? Qual seu autor clássico preferido e qual o contemporâneo?

Vera Lúcia de Oliveira: Os autores clássicos que mais gosto são russos como, por exemplo, Dostoiévski e Tolstói. Quando estou atravessando algum problema de saúde e tenho que ficar em casa sempre leio Dostoiévski, pois ele tem um jeito de escrever que cura a alma.

Dos contemporâneos, um que já faleceu e que nunca abandono é o Guimarães Rosa. Outros autores importantes também são a Maria Valéria Rezende, Luiz Ruffato, Chico Buarque, enfim são tantos e não quero citar todos porque, de repente, parece que vou me esquecer de algum. Há muitos escritores que estão escrevendo bem nesse momento da literatura brasileira. Quanto ao dia a dia de professora, posso dizer que é bem corrido. Aqui, leciono na Universidade de Perugia que é uma das mais antigas do mundo. Então, tenho uma grande quantidade de aulas, pois são muitos cursos. Entre aulas e reuniões, a parte da escritora, muitas vezes, acaba ficando sacrificada. Então, desenvolvi um método que consiste em escrever o texto por dentro. Um certo tema que me solicitam ou uma indagação desperta minha curiosidade, o que me leva não só para a literatura, mas para outras ciências como a filosofia, a psicologia, a antropologia, dentre outras. Assim, percebo que tenho algo para escrever e é como se já tivesse escrito por dentro. É muito forte o processo de escrita, pois quando escrevo um texto, um poema breve por exemplo, mas entendo que não esgotei as palavras para expressá-lo acabo retomando-o e, quando penso que basta, me levanto e reescrevo até considerar pronto. Escrevo muito pelo celular ou, mesmo, gravo para ouvir e escrever depois.

Entrevistadora: Quais palavras, imagens, sons, cores podem definir a Vera Lúcia de Oliveira?

Vera Lúcia de Oliveira: Palavras? Tantas... Gosto muito de empatia, Alteridade e infância. Adoro cores! Teve um momento na minha vida que gostava muito do azul e todas as suas nuances. Antes não gostava de me vestir com verde. Agora, gosto muito do verde. Gosto do vermelho, pois quebra a monotonia do inverno. Gosto muito de música e em todas as línguas. Tanto que o meu aplicativo musical não sabe bem o que propor como sugestão.

Entrevistadora: Agora, tratando de suas obras, observei que treze poemas da coletânea *Esses dias partidos* (2022) abordam sobre o fazer poético. O que significa escrever poesia/ser poeta ou, como diz o poema de *A poesia é um estado de transe* (2010), “têm palavras que têm cicatrizes”?

Vera Lúcia de Oliveira: Então, até o título de *A poesia é um estado de transe* é bastante corajoso, porque no Brasil houve um tempo que existia a tendência da poesia construída. Foi a partir da experiência de João Cabral de Melo Neto que dizia que o poeta era como um engenheiro que vai montando a construção e quer ser totalmente consciente das escolhas poéticas. Acho que tem muito de misterioso no João Cabral. Basta ver os primeiros livros dele. Há, quase tendencialmente, uma visão surrealista. Segundo a visão que ele tinha da poesia, o

poeta tinha que ter controle desse lado e queria ser um artífice. Nunca gostei da poesia concreta e o poeta que amo, visceralmente, é o Manuel Bandeira. Leio muitos, porém o Bandeira era o que me tocava mais profundamente. Ele dizia: “Não sei de onde vem a poesia, mas, de onde vier, é bem-vinda, eu aceito. Não importa que venha de um lugar misterioso.” A condensação de sentidos de cada palavra vem muito da poesia do Ungaretti, que é um grande poeta italiano. A ideia de que a poesia tem que ter o seu peso e concentrar muito no pouco. Quando eu dizia que “a poesia é um estado de transe” era quase um desafio, tendo em vista que a maioria dos poetas afiança que a poesia tem um lado racional ou é construção. As pessoas têm uma ideia errada do transe, que se transforma em um momento em que a consciência se abre e pode ser provocada, como a dança por exemplo. Tem uma dança feita pelos dervixes na Turquia em que os dançarinos giram até atingirem um estado de transe. O transe também pode ser provocado por alguma bebida, como em algumas tribos indígenas. A abertura propiciada pelo transe torna-se campo profícuo para a arte, pois tudo dentro de você se amplia e se faz consciente. João Guimarães Rosa dizia: “A literatura tem muito de misteriosa e quer gerar algo que está crescendo em você.” Por isso, vai ser um estado diferente do ser. As mulheres têm muito disso, pois dão luz a novas vidas. De vez em quando, sinto necessidade de entender esse processo da escrita e de onde vem. Quanto ao fato de dizer que “as palavras têm cicatrizes”, é porque as elas não são neutras. Elas são ditas, mas dizem também e falam de quem as usa. Escuto tudo o que as pessoas falam e pelo discurso entendo como elas são. No processo de escolha das palavras, elas por si mesmas já vêm carregada de cicatrizes. Tenho necessidade de entender as pessoas ao meu redor seja as que encontro num ônibus ou numa fila. Fica dentro de mim uma frase que ouvi e, se não coloco no papel, posso perdê-la. Então, fica dentro de mim. Nisso, a palavra pode ser comparada com a pescaria, porque meu pai gostava muito de pescar nos rios da região de Paranapanema. Tenho até um poema que trata disso:

aprendi a pescar com o pai  
ele preparava a isca e lançava  
a vara no fundo lodoso  
à espera por muitas horas

mas peixe mesmo aprendi com a mãe  
ela tocava nas bordas do lodo  
no limo enfiava a mão  
e voltava com ele (OLIVEIRA, 2022, p. 55).

Essa diferença entre a mulher e o homem tem relação com meu pai que sempre ficava esperando, pacientemente, e minha mãe que entrava na vida com tudo. Então, a palavra é assim: uma isca que está na varinha e vai puxando outra.

Entrevistadora: Como explicar a presença sensorial da arte poética em sua relação com as imagens (verdadeiras narrativas) construídas por cada poema? Ainda sobre o ato de escrever, percebo que seus poemas se aproximam muito do teor narrativo. O poema “Histórias”, de *No coração da boca* (2006), por exemplo, aborda a relação da poeta com o ato de narrar: “minhas histórias não lhes conto mas se quiser invento”. Assim, como você explica essa intersecção.

Sempre gostei de escrever histórias. Quando era pequena escrevia pequenos contos. Lembro-me de uma vez em que a professora pediu para fazermos uma redação e havíamos acabado de ler um texto, no qual os personagens eram animais. Quando ela pediu para escrevermos uma redação, continuei inventando uma história sobre os elementos que tinham na primeira. A professora gostou tanto que me perguntou de onde havia tirado e respondi que era da minha imaginação. Então, escrever histórias vinha muito do fato de que os adultos escondiam muitas coisas das crianças, como também da observação de que aquele mundo era bem pobre. Além disso, ao compreender as dificuldades na vida das pessoas, eu preenchia os espaços vazios, de silêncio, com as histórias que achava que elas tinham. Criava, com minha imaginação e empatia, histórias que eram plausíveis. Então, quando tive contato com a poesia na universidade e conheci autores como Drummond e tantos outros, percebi que havia encontrado a minha própria forma de escrita poética. Queria descobrir uma palavra que tivesse o peso de uma pedra não porque era insuportável, mas porque era densa e compacta. Também trouxe esse lado narrativo para a poesia e, muitas vezes, eu conto histórias. Uso muito a imaginação, mas não é aquela que nasce do nada, pois precisa haver uma relação com o real. Até considero que em italiano sou mais livre, porque a condição da poesia brasileira é muito realista. Quando comecei a escrever em italiano, percebi que podia passar uma certa fronteira e criar imagens surreais que partem do real, mas vão além. Em italiano, eu me solto! Só a poesia é propícia para esses atravessamentos com o inconsciente, pois nos dá a possibilidade de ultrapassar as fronteiras entre o real e o surreal e entre o sonho e o devaneio. O devaneio também constitui um momento favorável para a criação poética.

Entrevistadora: A poesia é labor ou inspiração?

Vera Lúcia de Oliveira: Acho que os dois! Não sei se cabe esse termo “inspiração”, porque ao longo da história da literatura se usaram muitas palavras como “musa inspiradora”.

Um poema nasce de uma percepção, uma imagem, um som, uma conversa que escuto e a partir da qual começo a elaborar uma experiência, ligando-a com outras. Então, tudo é matéria de poesia! O Manuel Bandeira dizia: “A poesia está tanto nos chinelos, quanto nas estrelas. Basta ficar atentos.” É um labor tanto exterior, quanto interior. Quando escrevo um poema, releio várias vezes para ir juntando as versões até chegar a uma última. Também joga fora os poemas que não encontraram um modo certo de serem ditos. Cada poema é singular! Gosto de ler o poema para outras pessoas para ver se funciona ou não. Ainda, sempre deixo um tempo para estabelecer um distanciamento e melhor avaliar a produção de um poema. Em uma das minhas idas a Assis (SP), quando já morava na Itália, estava passando pela rua Armando Sales e vejo, na vitrine de uma loja, um anjo de pano que me chamou a atenção. Perguntei: “Quem teria feito aquilo?” Comprei e levei para a minha mãe de presente. Minha mãe disse: “Filha, você é capaz de passar em um lugar e ver coisas que a gente não consegue observar!” Achei muito bonito essa assertiva.

Entrevistadora: A representação da família é uma constante em suas obras e, principalmente, a figura materna. Na coletânea *Esses dias partidos* (2022), identificamos vinte e duas referências à família. Já em *O tempo denso* (2021) temos dois poemas, a saber, “buscando a receita de bolo da mãe” e “engoliu um caroço de manga”. Em *Minha língua roça o mundo* (2016) encontramos “A mãe é um sol ossudo que”, “Em dias de vento e frio” e “Levo os olhos de minha mãe”. Como lidar com a percepção de mundo da sua mãe que transborda sentimento e memórias para o papel?

Minha mãe tinha um certo olhar de empatia pelas pessoas. Essa sensibilidade foi muito importante para minha formação. Teve uma época que minha mãe fazia bolos confeitados com desenhos. Depois ela passou para a pintura. Minha mãe tinha essa veia estética muito acentuada e um sentimento visceral. Então, tenho uma ligação muito forte com minha mãe por tudo isso. Lembro-me do sofrimento dela quando a gente brigava. Eu percebia que ela tinha me transmitido uma dor que era dela. É comum aos pais sempre passarem, mesmo através do silêncio, sua dor para os filhos.

Entrevistadora: O poeta pode ser considerado um *flâneur*? São um total de nove poemas que tematizam a cidade em *Esses dias partidos* e, cito como exemplo, “A rua é um universo” (p. 181); “Da rua se via bem o mundo” (p. 188); e “Uma cidade está no mapa para ser habitada” (p. 210).

Vera Lúcia de Oliveira: Gosto muito da fotografia também. Se vejo algo interessante, fotografo e, depois, publico no *Facebook*, que é uma rede social onde sinto a proximidade das pessoas conhecidas. Usei essa rede social principalmente durante a pandemia, porque, às vezes, acordava no meio da noite e tinha necessidade de sentir que havia outras pessoas ao redor do mundo. O que escrevo é muito visual, passa muito através do olhar.

Entrevistadora: Por viver no entre-lugar de dois países, como você lida com o paradoxo linguístico?

Vera Lúcia de Oliveira: Tento não misturar as duas línguas até mesmo na escrita. Durante meu primeiro período na Itália, quando obtive uma bolsa de estudos, e depois que fui morar lá devido ao casamento, sentia nascer dentro de mim poemas em italiano. No início foi muito difícil, pois estava em um processo de aquisição de outra língua de maneira muito profunda. Nessa época, só conversava com pessoas em italiano e estava aprendendo a pensar na nova língua, o que me fez temer perder a minha língua poética, que mantinha minhas raízes com o Brasil, com minha família e, sobretudo, com a minha mãe. Então, tentava sempre não escrever o texto em italiano, o que me levava a traduzi-lo para o português. Contudo, percebi que o texto ficava muito pobre, porque considerava que não era aquilo que estava sentindo. Assim, comecei a escrever diretamente em italiano e, com isso, foram nascendo os primeiros livros nessa nova língua. Um poema é pensado dentro de uma língua e fica difícil fazer essa conversão sem que se perca o sentido primeiro.

Entrevistadora: Como foi a sua experiência como poeta no período de pandemia? Como esse episódio afetou sua visão de mundo e seu trabalho poético?

Vera Lúcia de Oliveira: A pandemia foi muito impactante em todos os países, mas a Itália foi o segundo depois da China a conviver com o confinamento. A situação foi grave, pois tivemos muitos mortos na Itália. Então, a reclusão era absoluta e havia muitas coisas muito pesadas para quem saísse nas ruas. De repente, estava dando aula presencialmente e, na noite seguinte, o primeiro ministro italiano anunciava que o país deveria entrar em *lockdown*. Desse modo, tivemos que adotar estratégias de ensino por meio das mídias digitais para fazer aulas à distância. Foi uma experiência muito forte, já que percebi que os alunos também estavam temerosos e a aula se tornava uma espécie de terapia de grupo que era necessária para todos. Quanto à poesia, inicialmente, não escrevi quase nada tendo em vista a necessidade de me distanciar e refletir sobre o momento que estava vivendo. Percebi que precisava de um tempo para transformar esse processo em linguagem e, como a situação da pandemia perdurou por um

longo período, comecei a escrever. Durante o dia, escrevi breves poemas em português porque era impossível usar a língua italiana na situação que o país estava vivendo. Sendo assim, a língua portuguesa serviu como uma espécie de filtro. Com o tempo, comecei a ter insônia e acordava no meio da noite com as imagens dos sonhos que havia tido antes do despertar. Quando acordava, parecia que eu partia o sonho, então comecei a escrever durante esses momentos. Desse modo, formulei comigo mesma que havia o livro do dia e o da noite. O livro do dia foi publicado sob o título de *Esses dias partidos* (2022), já o da noite possivelmente será publicado. Alguns poemas dele compõem a plaquete intitulada *Um corpo não tomba como um pássaro*, que foi publicada no ano de 2023 pela editora Primata.

Entrevistadora: Qual o futuro da poesia em face das novas tecnologias de linguagem?

Vera Lúcia de Oliveira: Não sei como será o uso da inteligência artificial, mas participei de um congresso em que alguém me perguntou sobre o assunto. Se observarmos um poema feito por AI, notamos que está bem estruturado, porém ninguém vivenciou essa experiência enquanto que a poesia nasce de um corpo e de uma união de pensamentos com emoções senão não pode ser considerada verdadeira. Não sei se as pessoas, no futuro, aceitarão um tipo de arte desumanizada ou se buscará manter esse traço marcante da nossa identidade que é a solidariedade, a *pietas* o compartilhamento. Espero que isso não se perca!

Entrevistadora: Uma vez você falou que “o mistério está na aragem/ não carrega vozes” (Poema “O mistério”, *A poesia é um estado de transe*, 2010, p. 153). Qual a relação da poesia com aquilo que é incompreensível ao ser humano?

Vera Lúcia de Oliveira: Lembro-me que, no início do meu trabalho poético, questionava sobre o ser da poesia. A ideia da poesia como racionalidade trazida pelo João Cabral de Melo Neto não me satisfazia. Gostava muito do Manuel Bandeira que tratava a poesia como deslumbramento e iluminação. Então, me questionava qual dos dois autores tinha razão. Contudo, certo dia, escutei a música do Chico Buarque, da qual gostava muito, que se chama “O que será?” e comecei a pensar nos questionamentos propostos por esse texto. Dessa forma, comecei a pensar que a música é a resposta para a própria indagação que ela faz. Acredito que, deste modo, se constitui o elemento misterioso da poesia, porque a resposta é a própria poesia. Assim, você se desconecta um pouquinho da ideia de que um poema se constrói tijolinho por tijolinho. Isso porque o texto poético vai além da sua vontade, visto que transborda uma iluminação que não tem como explicar. Cada período da história tem sua definição para o modo como a poesia invade o poeta. Alguns, inclusive, chamam de inspiração. Quando escrevo,

preciso manter uma certa distância para que, em um segundo momento, possa retomar e trabalhar sobre o tema. Tem muito de misterioso na literatura, tanto que o Guimarães Rosa escreveu a respeito disso.

### **Referências**

OLIVEIRA, Vera Lúcia. O lugar e a língua. *Revista de Italianística XIV*, USP, São Paulo, 2006, pp. 98-114.

OLIVEIRA, Vera Lúcia. *Esses dias partidos*. São Paulo: Patuá, 2022.

OLIVEIRA, Vera Lúcia. *Um corpo não tomba como um pássaro*. São Paulo: Primata, 2023.